



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 13, n. 2, jul./dez., 2007

Os anarquistas e Marx: esquerda e direita, liberdade e autoridade no socialismo

ROGÉRIO HUMBERTO ZEFERINO NASCIMENTO

Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

Há atualmente uma curiosidade crescente em torno do anarquismo, sem que haja um discernimento sobre sua especificidade dentro do campo socialista. Em geral, as pessoas confundem ou procuram aproximar anarquismo e marxismo, entendendo-os como expressões à esquerda no pensamento social. Dentro dos limites de espaço deste artigo procuro apresentar o anarquismo como um fora no que se refere ao antagonismo esquerda-direita. Faço isso, refletindo, simultaneamente, sobre liberdade e autoridade no socialismo e através de apontamentos em torno das relações, pessoais e intelectuais, dos clássicos do anarquismo – Proudhon, Bakunin e Stirner – com Karl Marx.

Palavras-chave: Anarquismo. Marxismo. Socialismo.

The anarchists and Marx: left and right, freedom and authority in socialism

ABSTRACT

Nowadays there is an increasing curiosity concerning anarchism without an awareness of its specificity within the socialist field. In general, people confuse or try to approximate anarchism and Marxism, and they understand both expressions as belonging to the left wing in the social thinking. In the scope of this article I attempt at presenting anarchism as something out of the left-right antagonism. I do this reflecting simultaneously on the freedom and authority of socialism, and on the notes describing personal and intellectual relationships that the classics of anarchism – Proudhon, Bakunin and Stirner – had with Karl Marx.

Key words: Anarchism. Marxism. Socialism.

Rogério Humberto Zeferino Nascimento

Dr. em Ciências Sociais – PUC-SP. Professor da Unidade
Acadêmica de Ciências Sociais – CH/UFCG.
E mail: rogeriohznascimento@yahoo.com.br

Endereço para correspondência:

C. P. 10115 – Campina Grande – PB – 58.109-970

Desde meados até o fim do séc. XX, socialismo e comunismo são vistos como sinonímia de marxismo, sendo tal visão ainda predominante. A literatura historiográfica e das ciências sociais, liberal e marxista, afirma uma obsolescência quase genética do anarquismo na sociedade urbano-industrial, ocidental, capitalista. As teses dos marxistas no Brasil sobre organização proletária, desde a fundação do PCB – Partido Comunista Brasileiro – em 1922, afirmam ser o anarquismo pré-político, anacrônico, superado, inadequado à reflexão sobre nossa época e para ações coletivas.

Os estudos acadêmicos posteriores, em sua esmagadora maioria, são tributários desse referencial, reafirmando ‘preconceitos’ ideológicos e ‘superstições’ científicas disseminadas por ícones do “socialismo científico”. Esse tipo de atitude mudou depois da queda do muro de Berlim e do fim da U.R.S.S. Se muitos marxistas manifestam uma certa simpatia pelo anarquismo, alguns anarquistas propõem uma aproximação metodológica e fusão conceitual. O fato não é novo. No início do século XX, marxistas no Rio e São Paulo chamavam os anarquistas de “primos”. Em fins de 1970, Daniel Guérin, autodesignado ‘marxista libertário’, tratava a ambos como “irmãos gêmeos-irmãos inimigos” (GUÉRIN, 1986).

Já é de tempos que, no Brasil, temos disponíveis algumas publicações em torno das relações entre os anarquistas clássicos e Karl Marx¹. Essas obras estão separadas no tempo e por local de edição, sem esquecer do fato de algumas não serem muito acessíveis. Como emergem propostas, em algumas literaturas contemporâneas, de aproximação ou fusão do anarquismo com o pensamento de Marx e como há curiosidade em conhecer o assunto, creio ser oportuno retomá-lo.

PROUDHON, BAKUNIN, STIRNER E MARX

As relações de Marx com Proudhon possuem um episódio revelador. Os irmãos Bauer criticaram Proudhon. Marx, em *A Sagrada Família* (1844), fez sua defesa. Em 1846, Proudhon publicou *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*. Neste ano, as relações entre os dois já estavam desgastadas. Em 1847, Marx escreveu *Miséria da Filosofia* criticando Proudhon. Essa posição prevalece no pensamento marxista: o pequeno-burguês de *Miséria da Filosofia* em contraste com o representante do ‘socialismo científico

co’ na França de *A Sagrada Família*. Sobre o motivo dessa mudança brusca, as relações entre Marx e Proudhon durante o exílio do primeiro em Paris, no ano de 1844, e a correspondência entre ambos, no ano seguinte, podem ser esclarecedoras (MARX; ENGELS, 1987; MARX, 2004; PROUDHON, 2003).

Sobretudo a divergência quanto à concepção de sociedade e de socialismo os separou. Marx defendia o princípio de autoridade. Proudhon afirmava o princípio de liberdade. Marx elaborou um pensamento social absolutista, universalista. Para ele, o conhecimento da sociedade pressupõe o estudo da infra-estrutura econômica, instância determinante da superestrutura social. Esta é constituída pela dimensão política, jurídica e ideológica. À ciência, caberia o papel de desvelar as relações sociais, significando privilegiar a investigação de sua dimensão econômica, pois, para ele, esta é primordial na vida social.

Inscrito na abordagem positivista e evolucionista, Marx aproximou-se da questão social com o materialismo histórico, método baseado na dialética de Hegel. Em sua perspectiva, as sociedades integravam um mesmo e único processo evolucionário. Assim, ele explicou as diferenças existentes entre os grupos humanos pela diferença de grau evolutivo. A evolução seria ascendente, linear, fatal e irreversível, de um estágio inferior a outro superior, até a eliminação das classes. O fim da sociedade de classes se daria no comunismo. Fatalismo e teleologia caracterizam sua concepção de sociabilidade humana.

O seu socialismo é jacobino, compondo uma necessária e fatal etapa de transição entre as fases capitalista e comunista da evolução (MARX, 2004. p. 125-171). Cada fase só seria encerrada, depois de seu desenvolvimento máximo. Deste ponto, procede a crença de Marx de que, aos revolucionários científicos, caberia o papel de acelerar as relações capitalistas, atuando na esfera da política e das leis; procede daí também a idéia de que, nos países de capitalismo avançado, aconteceriam as revoluções. O socialismo é a ditadura dos operários para a extinção das classes, fim do Estado e início do comunismo.

Se Marx esboçou em seus estudos uma perspectiva universalista, Proudhon foi em direção oposta, dispondo-se a combater o absoluto. Seu método dialético serial constitui um indício de seu esforço para escapar de posicionamentos universalistas. A sociabilidade humana potencializa a alteridade, através da instauração da vari-

¹ Sobre as polêmicas entre Marx e Stirner ver Souza(1993); entre Marx e Proudhon ver a introdução Passetti; Resende, 1986; Gurtivitch (1980, 1983); Menezes (1966); Jackson (1963); a introdução de Proudhon (2003); Carrapato (1991); Röcker (1946); entre Marx e Bakunin ver Norte (1988) e Barrué (1976); de Bakunin sobre Marx: Bakunin (2001); Ferreira (1997); Joyeux (2001). Marx e Engels (1987).

idade em suas relações. O absolutismo tem três formas: na política, domínio do homem sobre o homem com os governos; na economia, exploração do homem pelo homem, através do capitalismo; no imaginário, adoração do homem pelo homem, pela religião e pelo dogma científico ou filosófico. Seu pensamento possui três aspectos negativistas – anti-estatismo, anticapitalismo e antideísmo – constituídos na recusa do absoluto, e três propositivos – federalismo, mutualismo e ideo-realismo. O método dialético-serial é caracterizado pelo balanceamento das antinomias. De forma alguma, contempla síntese (BANCAL, 1984).

Marx e Bakunin se conheceram no mesmo período de exílio em Paris. As impressões que ambos tiveram um do outro foram marcantes (NORTE, 1988). Para alguns, Bakunin foi contagiado pelo pensamento econômico de Marx. Por outro lado, há quem defenda a idéia equivocada, segundo a qual há aproximação da perspectiva de Proudhon com a de Marx, através de uma semelhança, no primeiro, com o materialismo histórico (TRINDADE, 2001). Em se tratando de quem influenciou quem, segundo Rocker, foi Marx influenciado por Proudhon. Ele conduziu Marx ao socialismo (TCHERKESOFF, 1964)². No caso de ter sido Bakunin influenciado por Marx, isso se deu de um modo relativo. Tanto que ele recusou o materialismo histórico e distinguiu o pensamento econômico do político de Marx. Na sua dialética, a síntese se dá com a antítese destruindo a tese (BAKUNIN, 1976).

Para Bakunin, Marx elaborou uma nova metafísica com seu método, ao passo em que elogiava seus estudos econômicos. A concepção marxiana de Estado Popular consistia, no seu entender, num desvario, pois, se o Estado é aristocrata e violento por natureza, nada que fosse realizado por essa instituição poderia estabelecer relações sociais libertárias. A crítica bakuniana do Estado, em geral, vem da recusa do princípio de autoridade como elemento basilar da sociabilidade humana. O princípio de liberdade marca a vida humana, constituindo-se como um dos três aspectos característicos da nossa espécie (BAKUNIN, 2000). Os outros dois são o pensamento e a revolta. Resulta daí a urgência em instauração de um modo de vida que possibilite a manifestação e potencialização das

singularidades coletivas e individuais.

Bakunin identificou todo o postulado social baseado no princípio de autoridade como desdobramento da religiosidade judaico-cristã. Alinha numa mesma ordem de fenômenos o religioso, sacerdote da divindade, o cientista, sacerdote do cientificismo, e o político, sacerdote do Estado, portadores de verdades universais (BAKUNIN, 2000). Por concentrar em si essas três modalidades de religião, o pensamento político de Marx constitui a última e mais acabada expressão das concepções autoritárias de vida social. Bakunin elaborou essa assertiva, porque o socialismo autoritário de Marx se baseava não na imposição da vontade de um Deus, da tradição ou de um grupo de soberanos, mas sim, da ciência. O socialismo de Marx, caso fosse estabelecido, seria a pior tirania³ entre todas as existentes na história humana (BAKUNIN, 2001; 2003).

A reflexão sobre a liberdade marca sobremaneira o pensamento de Bakunin. Para ele, esta é a possibilidade de determinação dos atos a partir da própria consciência (BAKUNIN, 1999). A liberdade é uma invenção humana e não um dado da natureza como defendiam os contratualistas, resultando da conjugação de esforços individuais e coletivos. Quanto mais pessoas livres atuarem juntas, maior o grau de liberdade existente. Pondo-se ao lado de Proudhon, Bakunin, de forma aparentemente paradoxal, sustentava que “existe apenas um dogma, uma única lei, uma única base moral para os homens, é a liberdade”⁴. Nesta direção atentou para a relevância da cultura enquanto elemento significativo na sociabilidade humana. Assim, refere-se, por exemplo, ao modo de vida libertário dos latinos, em contraste com a cultura disciplinar dos japoneses e dos alemães, de quem, avisa, a humanidade poderia esperar graves ameaças à liberdade social⁵.

De domínio mais amplo, são os atritos de Marx com Bakunin e Proudhon. Contudo, a polêmica menos conhecida de Marx e, segundo Souza (1993), a maior, deuse com Stirner. Souza aponta detalhes da elaboração do *A Ideologia Alemã*, um escrito quase todo contra o livro de Stirner. Outro indício diz respeito ao volume de páginas de *A Ideologia Alemã*: livro maior que *O Único e sua Propriedade*⁶, de Stirner. Dizer qual a maior polêmica

² Neste livro encontramos o artigo, em forma de apêndice, em que Rocker elabora as referidas reflexões. Outro apêndice é escrito por Paul Gille. O primeiro tem o seguinte título: *Marx e as Idéias Libertárias*. O segundo: *O Sofisma Anti-Idealista de Marx*. A introdução de Roberto das Neves: *O Marxismo, Escola de Ditadores*. Sobre as repercussões do pensamento de Proudhon na Europa: Jackson (1963); Gurvitch (1983).

³ André Glucksmann refletindo sobre os Gulags afirmou que o marxismo implica em campos de concentração e instituições concentracionárias. Ver Glucksmann (1978).

⁴ Ídem.

⁵ Sobre este assunto ver Bakunin, 2001.

⁶ O único livro de Stirner carece de uma publicação no Brasil. A editora portuguesa Antígona fez, em 2004, a primeira tradução do livro para o português (STIRNER, 2004). Um texto clássico de filosofia da educação de Stirner foi publicado no Brasil (STIRNER, 2001). Há diversos textos de Stirner publicados na *Verve*, revista do Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC de São Paulo. Ver referências.

não saberia. Mas, com certeza, todas são bastante elucidativas para uma reflexão sobre o lugar do princípio de liberdade e do princípio de autoridade no pensamento socialista.

Stirner circulou entre grupos de pensadores e boêmios em Berlim. Estudava filosofia e participava de círculos de debates, sem uma adesão sistemática, apesar de ser visto como um integrante dos “neo hegelianos de esquerda”. Estudioso da filosofia alemã, elaborou seu pensamento através de contundentes debates, expostos na imprensa nos primeiros anos da década de 40 do século XIX. Seu já citado livro foi imediatamente considerado perigoso, um atentado contra a sociedade. Entre seus críticos se destaca Marx, atingido, por tabela, pelas reflexões explosivas de Stirner. Isso porque, ao desferir golpes de morte no ateísmo da esquerda hegeliana, marcadamente contra Feuerbach e os irmãos Bauer, Stirner o atingiu. Apesar de suas reservas quanto a filósofos, Marx foi signatário de Feuerbach: a idéia do Homem como deus do homem o impressionou bastante.

No entendimento de Stirner, o ateísmo de Feuerbach apenas deslocou a divindade, deixando intacto o edifício do sagrado cuja ruína pretendia estabelecer. A transcendência saltou do campo da religiosidade convencional, indo se abrigar em refúgios mais seguros: na noção de imanência dos modernos. Ser humano genérico constituía novo deus, a quem as pessoas deveriam adoração. A política consiste em nova religião a ser abraçada por todos. Nessa ocasião, instalam-se novos processos de caça a hereges e excomunhão de desviantes atualizados na modernidade, sob o rótulo de delinquentes.

No pensamento de Stirner, há uma recusa radical ao estabelecimento de novas formas de dominação propostas por pensadores, tidos erroneamente na medida de iconoclastas. A velha servidão era travestida em modos atuais mais sofisticados. Se os teólogos advogam a submissão total da pessoa a uma divindade, os “materialistas” de sua época se referiam ao Estado, à ciência ou a outra abstração – para usar um termo stirneriano – como ética, humanidade, sociedade, liberdade, dever, perante a qual as pessoas deveriam se curvar.

Sociedade e associação são noções significativas em Stirner. Ao abordar estes conceitos, problematizou o princípio de autoridade, em benefício do princípio de liberdade. Como associação, aponta a constituição de agrupamentos voluntários e provisórios; sociedade, inversamente, remete aos laços naturais, tal qual o existente entre uma criança no útero e sua mãe. Em alemão, sociedade tem o radical da palavra “sala”, próxima à palavra “prisão”. Stirner evidenciou o caráter autoritário, transcendental e universalista das propostas de estabelecimento de velhas tiranias, sob novas vestes. A

soberania, divina ou humana, constitui campo, por excelência, da religiosidade.

Deus, rei, maioria, superiores: desdobramentos do absoluto. Sacrifício dos pendores pessoais: condição de sua existência. Segurança e mesmice de prisão: compensações oferecidas por estas abstrações. Quem teimar em instaurar um modo de vida, para além dos limites estabelecidos, enfrentará o ‘tribunal de deus’, atualizado na violência estatal e dos costumes. Às pessoas restaria resignação, contrição e obediência, através de auto e mútuo martírio ou adoção de postura ativa, colocando-se na vida como ser *único*, ciente das possibilidades e alcances da *potência da vontade*. Existência como aventura irrepitível e arriscada. O pensamento de Stirner é descentramento, derruindo exclusivismo, reducionismo, determinismo, centralidades dos salvacionistas, messiânicos criadores de sistemas, códigos e normas para todos os demais.

O ANARQUISMO EM FACE DA ESQUERDA

Esquerda em relação antagonista com a direita: o anarquismo está fora dessa lógica maniqueísta. Nele, não está em questão polaridades extremas nem meio termo apaziguante. O foco analítico considera o entorno social. Em relação a este, as pessoas são *conformadas* ou *rebeldes*. Pois bem, no anarquismo parte-se da negação do princípio de autoridade e da afirmação incisiva do princípio de liberdade tanto para a reflexão como para uma atuação quanto às relações societárias humanas.

Nessa perspectiva, esquerda e direita são dimensões equivalentes, verso e reverso de um mesmo dinamismo societário. Nisto reside o campo do pensamento político e social de Marx: no princípio de autoridade, disposto a intervenções e imposições; ação e reflexão, aportadas nas noções de superioridade e hierarquia, produzindo determinismos, reducionismos, exclusivismos; reverberações de essencialismos e da concepção de natureza humana gestora de necessidades.

Marx, como economista burguês, socialista autoritário e filósofo positivista, elaborou um pensamento que nada tem que ver com a concepção existencial anarquista. Apesar dele ser tido, entre seus partidários, na medida de revolucionário, não vejo motivo para tal. Seu comunismo, último estágio humano, é próximo da idéia de paraíso terrestre dos cristãos. Os cristãos vaticinam uma idade de ouro, sem morte nem dor, em que leão e cordeiro pastarão juntos, e nem por isso são revolucionários!

No geral, as biografias são apologéticas. Criam ídolos. Fazem isso através de um esvaziamento das *relações*

estabelecidas, interesses, conflitos e impasses constitutivos da vida de qualquer mortal. Quanto aos clássicos das Ciências Sociais, de certo modo, eles chegam a delinear um predestinado, esquecendo do caráter social do comportamento humano. Há um desmerecimento desse critério, quando são apresentados pensadores consagrados. A vinculação destes com um ou alguns dos segmentos das elites no poder não deveria ser menosprezada. Nesse sentido, é bom não esquecer ter sido Engels grande industrial.

Viveram num século conturbado, de crescimento do industrialismo, de afirmação dos Estados-nacionais, de intensas comoções sociais, da formação do movimento operário internacional. Os clássicos fizeram sua opção ainda que desconversando sobre: sob a 'superstição' da neutralidade axiológica do conhecimento ou da 'obscurantista' dialética esclarecida, explode intensa paixão pela ordem burguesa! A melhor maneira de favorecê-la seria apresentando-se enquanto alheios às querelas da vida: saber imaculado, conhecimento puro. Aqui impossível não utilizar o sofisma (NASCIMENTO, 2007) – outro nivelador de liberais e marxistas.

O pensamento econômico de Marx é favorável à burguesia: o capitalismo seria uma fatalidade na história. Seu socialismo é ditatorial e o etapismo caracteriza a história como transição por estágios sucessivos, rumo ao fim das classes. A História, com 'H' e no singular, toma um sentido de teleologia, dando-se da mesma forma que o cristianismo define a existência humana, enquanto escatologia. Diante das diversas razões humanas, a superioridade da racionalidade científicista apresenta-se como fonte única da Verdade da sociedade. Parte-se da idéia de que o comportamento humano obedece às "leis" naturais. Seu conhecimento seria mais bem dirigido pelo "socialismo científico", em oposição ao "socialismo utópico". O primeiro seria revolucionário e o segundo reacionário.

Os anarquistas são negativistas⁷, isto é, recusam o princípio de autoridade. Para Marx, pelo contrário, a hierarquia é central. Com graus diferentes, Proudhon, Bakunin e Stirner execraram a transcendência-imanência, a subalternização das pessoas a alguma entidade superior, vinda sob rótulo do Estado ou da razão. Proceder de maneira a fixar numa pessoa ou num grupo a última palavra sobre o que quer que seja é criar nova idolatria. Isto acontece em grau culminante no marxismo porque, pensando nos 'marxistas heterodoxos' e 'marxistas libertários', por mais que critiquem o referencial, sempre haverá algo intocável. Reinstalam ido-

latria quando inauguram marxismo e seus intérpretes: leninismo, trotskismo, castrismo. O mesmo se dá quando alguns inventam stirnerismo, bakuninismo, proudhonismo... Reduzir o anarquismo a um ou dois nomes é agir, senão com má fé, com absoluto desconhecimento da matéria.

No anarquismo a ciência é objeto de apropriação. E mesmo assim nem todos os anarquistas a utilizam. Entre os anarquistas, clássicos apenas Kropotkin procurou configurar um 'anarquismo científico', confrontando o 'socialismo científico'. Contudo, não ficou isento das críticas de outros anarquistas. Movendo-se na lógica racionalista Kropotkin focou o caráter irracional da organização capitalista. Proudhon, Stirner e Bakunin também foram ágeis em apontar o uso da ciência em favor do arbítrio e da exploração. Para estes, a razão é dimensão humana tão importante como as demais. Nem mais, nem menos.

Não obstante a conhecida ojeriza à religião pelo marxismo, que se declara ateu, ele se constitui na última expressão do cristianismo. O liberalismo a penúltima. A maneira pela qual, no marxismo, a religião é tratada corresponde à forma como as várias correntes cristãs se vêem: cada uma abomina as outras. Ademais, se no cristianismo o espírito tem a primazia, no marxismo, a razão ocidental toma esse lugar. Por meio dela, seria possível desvendar o funcionamento da infra-estrutura econômica da sociedade. Ela determinaria, ainda que "em última instância", o conjunto da vida social. Seguindo esse determinismo há, na seqüência, o político e o jurídico como sucessivas fontes mais importantes da vida social. Por sua vez, no anarquismo toda a existência humana é relevante: a mulher, a criança, a escola, a cultura, a arte, mentalidades, amor, sexualidade, entre outros, são importantes como a economia.

Visto de uma perspectiva mais larga, é possível discernir o marxismo compondo um dos segmentos do diversificado campo do cristianismo: seu ser supremo é a Humanidade, reverberando a perspectiva dos modernos em que o antropocentrismo toma o lugar do teocentrismo (MAKHAYSKI, 1981). O centro é ocupado pelo "Homem" não mais por Deus. A razão científica substitui a revelação divina. Porém, um e outro são tidos, por seus respectivos adeptos, como meio único e suficiente para desvelar a 'verdade' da 'realidade'. Não por acaso, a palavra 'teoria' contém 'téó', Deus. Analisando as implicações e desdobramentos de sua época, Stirner definia os modernos como devotos, a modernidade como cristianismo e o Estado como igreja (STIRNER, 2004).

⁷ Sobre negativismo, enquanto perspectiva analítica, ver Nascimento (2002, p. 72-82); Nascimento (2006, p. 39-66).

Prossigamos. Karl Marx e Friedrich Engels são apresentados pelos seus partidários na medida de iluminados criadores do 'socialismo científico'. Nesse assunto, é curioso o abandono na contemporaneidade do termo 'socialismo científico' e a permanência de seu par, 'socialismo utópico'. Este termo é proferido quando se pretende desmerecer e desqualificar o pensamento de figuras como Fourier, Saint-Simon, Proudhon e todos que não se filiem ao socialismo marxista.

Criticando em Marx uma disposição messiânica e salvacionista, Bakunin o chamava de "Moisés do proletariado" (NORTE, 1988). Os escritos de Marx e de Engels são tidos, com graus diferentes, enquanto textos sagrados, da mesma forma como acontece com as escrituras sagradas no cristianismo. Como se não bastasse, ambos possuem seu *Index Librorum Phroibitorum*. Se do cristianismo vem a idéia de 'povo eleito' para redenção da Humanidade, este papel cabe, no marxismo, ao operariado, o trabalhador dos grandes complexos fabris. Camponeses, pequenos artesãos, comerciantes e industriais correspondem aos ímpios no cristianismo.

Os anarquistas ocupam nesse imaginário o papel de agentes do mal, delinqüentes (LOMBROSO; MELLA, 1978) irrecuperáveis, anti-sociais compulsivos. Cesare Lombroso deu ares científicos a preconceitos sociais. Atualizando racismo, refletiu sobre atos anti-sociais. A delinqüência teria, em sua perspectiva, causas genéticas. Para ele, os anarquistas eram os mais perigosos. Por fim, o marxismo, como cristão, é universalista, proselitista, catequista e, lembrando Glucksmann (1978), implica sociedade concentracionária, punitiva. Creio ser esta amostra o suficiente para perceber o marxismo como última forma do cristianismo.

É possível alguém objetar ser o anarquismo 'também' religião. Para mim, isto esboça um estrebuchar... O anarquismo não é universalista; contém ateísmo, antiteísmo, agnosticismo e espiritualidade. Espiritualismo sem dogmas, sanções, mandamentos⁸. O liberalismo é laico e o marxismo, ateu, mas ambos universalistas como os fundamentalismos cristãos. Democracias usam o calendário e ritualísticas cristãs, empossando presidentes, inaugurando obras, etc.. Países marxistas, arremedando fanáticos cristãos, perseguiram quem não professava o credo ateu. Aliás, esquerda e direita são indicativos da proveniência cristã da política institucional, pois não remetem ao tribunal de Deus, ao bíblico juízo final?

O pensamento de Marx é, num enfoque amplo, uma ode à civilização ocidental e, num restrito, ao capitalismo. Trata-se de sua conservação imediata, mesmo que com as escusas de pretender sua abolição... num futuro bastante remoto. No anarquismo, há vibrações anti-modernas, recusando posturas laudatórias ao industrialismo. Este não é fatal nem há algum sentido benéfico que lhe seja inerente. Também não se trata no anarquismo da oposição 'modernidade-tradição', onde o primeiro é superior e o segundo indício de obsolescência. Apesar de existir nos anarquismos expressões deslumbradas com o brilho frio do aço industrial, isso não traduz unanimidade.

É importante evidenciar essa dissonância, mesmo porque prevalece entre estudiosos e muitos anarquistas uma leitura homogeneizante do anarquismo. Desconsideram especificidades, transbordando os limites disciplinares e disciplinadores das perspectivas teórico-metodológicas nos saberes vigentes. A cegueira teórica, narcisista, que é de um tipo especial, pois lhe são visíveis apenas imagens em superfícies espelhadas.

O pensamento anarquista recusa não arranjos societários miméticos, mas o modelo civilizacional vigente, fundado no pensamento único, cauterização dos sentidos e do entendimento, através de um processo de enrijecimento dos sentimentos e dogmatização do pensamento. Além do mais, enquanto o marxismo implica culto à personalidade, justificado por um uso 'genial' da ciência por Marx, no anarquismo não há espaço para cultos, nem primazia da razão. O anarquismo resulta do caldeamento de fenômenos sociais, ocupando certas pessoas uma posição particular, não absoluta, nesse processo.

Por fim, para quem crê na possibilidade de aproximação do anarquismo com o marxismo, é bom lembrar Bakunin (2000), quando afirmou a inabilidade do diálogo com socialistas burgueses. Preferiu debater com aristocratas. A história lhe deu razão. Sua vida registra que o Czar, comparado a Lênin e outros marxistas⁹, foi mais condescendente com oponentes. Na U.R.S.S, pena capital e Gulags prosperavam; a Tcheca agia com mãos de ferro, disparando pistolas, fincando picaretas e, quando não alcançava seus objetivos, estabelecendo a cizânia. Periódicos anarquistas no Brasil da primeira república registram a colaboração de marxistas com a repressão¹⁰. Definitivamente, os anarquistas não são "irmãos", "primos", nem têm parentesco com o marxismo nem nada que ver com esquerda-direita!

⁸ Este assunto merece abordagem específica que não cabe nos limites deste artigo. Tolstói e Ghandi são referenciais. No Brasil Maria Lacerda de Moura. Ver Tolstói (1994); Moura (1926).

⁹ Muito esclarecedor deste aspecto é o livro visceral de Glucksmann relacionando Estado marxista (U.R.S.S.) com campos de concentração. Ver Glucksmann (1978, p. 36-37).

¹⁰ Sobre repressão governamental e a participação de marxistas enquanto delatores no período de Arthur Bernardes: Samis (2002).

REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, M. A Reação na Alemanha. In: BARRUÉ, Jean. *O anarquismo hoje*. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 1976.
- _____. *Textos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- _____. *Deus e o Estado*. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, Nu-Sol, SOMA, 2000.
- _____. *Escrito contra Marx*. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, Nu-Sol, SOMA, 2001.
- _____. *Estatismo e anarquia*. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, Nu-Sol, SOMA, 2003.
- BANCAL, Jean. *Proudhon: pluralismo e autogestão*. Tradução Plínio Augusto Coelho. Brasília: Novos Tempos, 1984.
- BARRUÉ, Jean Bakunin e Netchaiev. Três Estudos sobre Bakunin. In: BARRUÉ, Jean. *O Anarquismo Hoje*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1976.
- CARRAPATO, Júlio. *Resposta de um anarquista aos últimos moicanos do marxismo e do leninismo, assim como aos pintainhos da democracia*. Vila Real de Santo Antonio: Sotavento, 1991.
- FERREIRA, José Maria Carvalho. *Portugal no Contexto da "Transição para o Socialismo": história de um equívoco*. Blumenau: FURB, 1997.
- GLUCKSMANN, André. *A cozinheira e o canibal: ensaio sobre as relações entre o Estado, o marxismo e os campos de concentração*. Tradução Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GUÉRIN, Daniel. Irmãos Gêmeos – Irmãos Inimigos. In: MALATESTA, Errico. (et al.). *O Anarquismo e a Democracia Burguesa*. 3. ed. São Paulo: Global, 1986.
- GURVITCH, G. *Proudhon e Marx*. Lisboa: Presença, 1980.
- _____. *Proudhon*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1983.
- JACKSON, J. *Hampden Marx, Proudhon e o Socialismo Europeu*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- JOYEUX, Maurice. et al. *Os Anarquistas Julgam Marx*. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.
- LOMBROSO, Cesare; MELLA, Ricardo. *Los anarquistas*. Barcelona: Júcar, 1978. (Biblioteca Júcar de Política).
- MALATESTA, Errico. et al. *O Anarquismo e a Democracia Burguesa*. 3. ed. São Paulo: Global, 1986.
- MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. Tradução Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, [19—]. (Tomo I e II)
- _____. *Miséria da Filosofia*. Tradução J. C. Morel. São Paulo: Ícone, 2004.
- _____. Crítica ao programa de Gotha. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Sagrada Família*. São Paulo: Moraes, 1987.
- _____. *O Anarquismo*. São Paulo: Acadêmica, 1987.
- _____. *Manifesto do Partido Comunista*. Moscou: Progresso, 1987.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; LÉNINE, V. I. *A sociedade comunista*. Tradução Maria Paula Duarte. Lisboa: Estampa, 1975. (Biblioteca do Socialismo Científico).
- MENEZES, Djacir. *Proudhon, Hegel e a dialética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Religião do amor e da beleza*. São Paulo: Typographia Condor, 1926.
- NASCIMENTO, Rogério H. Z. *Florentino de Carvalho, pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- _____. Anarquia nas humanidades: perspectiva negativista no estudo da sociedade. *Ariús – Revista de Ciências Humanas e Artes*. Campina Grande, n. 11. p. 72-82. 2002.
- _____. *Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil*. 388 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – Política) – PUC, São Paulo. 2006. Disponível em: www.sapientia.pucsp.br Acesso em: fev. 2007.
- _____. Sofisma é imprescindível à democracia, ou como mentir apenas dizendo verdades, ou ainda "Sorria! Você está sendo filmado!" *Verve*, São Paulo, n.11, p. 156-167, 2007.
- NEVES, R. das. *Marxismo: escola de ditadores*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 19[—].

- NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. *Bakunin: sangue, suor e barricadas*. Campinas: Papirus, 1988.
- PASSETTI, Edson; RESENDE, Paulo-Edgar (Orgs.). *Proudhon*. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- PROUDHON, Pierre-Joseph *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*. Tradução J. C. Morel. São Paulo: Ícone, Imaginário, Nu-Sol. 2003. (Tomo I.)
- ROCKER, Rudolf. *As idéias absolutistas no Socialismo*. (Tradução Nicolau Bruno) São Paulo: Sagitário, 1946. (Coleção Perspectivas II).
- SAMIS, Alexandre Ribeiro. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.
- SOUZA, José Crisóstomo de. *A Questão da Individualidade: a crítica do humano e do social na polêmica Stirner-Marx*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- STIRNER, Max. *O Falso Princípio de Nossa Educação*. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.
- _____. *Algumas Observações Provisórias a Respeito do Estado Fundado no Amor*. Verve, São Paulo, n. 1, p. 13-21, 2002.
- _____. *Os Mistérios de Paris*. Verve, São Paulo, n. 1, p. 11-29, 2003.
- _____. *Arte e Religião*. Verve, São Paulo, n. 4, p. 67-78, 2003.
- _____. *O Único e sua Propriedade*. Tradução João Barrento. Lisboa: Antígona, 2004.
- TCHERKESOFF, Varlan. *Erros e Contradições do Marxismo*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1964.
- TOLSTOI, Lev. *O reino de Deus está em vós*. Tradução Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- TRAGTENBERG, Maurício (Org.). *Marxismo heterodoxo*. Tradução Beatriz Berg, Daniel Aarão Reis Filho, Horácio Gonzalez. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- TRINDADE, F. *O Essencial Proudhon*. São Paulo: Imaginário, Nu-Sol, SOMA, 2001.

Recebido em junho de 2007

Revisado e aprovado para publicação em agosto de 2007
